

Também à divergência de cristãos-nôvos e cristãos-velhos diante do conceito de honra foi anotada sem as conotações de maior ou menor abertura de ambos os grupos à cultura vigente na Metrópole.

No 3º capítulo, sob o sugestivo título “Espreitando por um buraco da porta” foi mostrado o incentivo que a Inquisição deu à vigência da vida alheia. Apareceram aí *flashes* da atmosfera provinciana, e a sugestão da existência de resíduos do Judaísmo nas feitiçarias, o que nos parece abrir novas perspectivas de investigação num tema que vem ocupando — principalmente depois dos trabalhos de Robert Mandrou — lugar de destaque na história das mentalidades.

No capítulo sôbre a Censura Intelectual duas observações podem induzir a trabalho de investigação: a identificação dos livros profanos como anti-cristãos, e o temor que os missionários teriam da invasão da “esfera sacramental pela vida profana” uma vez que o clima reinante era o tridentino (no qual se insere a raiz da censura) e tal clima previa e requeria, ao que se sabe, o trabalho unísono de eclesiásticos e leigos.

Absolutamente pertinentes as observações feitas no capítulo “Genealogio” sôbre a omissão de nomes judaicos das genealogias e dos registros nobiliárquicos que vêm dificultando os estudos demográficos.

Lamentamos apenas que a falta de manuseio dos processos inquisitoriais tenha, em alguns pontos, prejudicado a história biográfica tentada pelo A. como índice de explicação do social. Talvez por isso João Nunes tenha aparecido “como bode expiatório do ódio popular contra arrematadores e onzeneiros” e nisto está explicada sua absolvição. Talvez pelo mesmo motivo tenha sido negada a Bento Teixeira a condição de poeta, e tenham sido incluídos no trabalho certos lugares comuns advindos da *leyenda negra* que envolve o Tribunal da Fé, como por exemplo a do “ambiente de pavor e solenidade durante as sessões de cruéis e teatrais tormentos” ou o do “empenho do Santo Ofício em confiscar os bens transferidos clandestinamente por judeus fugidos da Inquisição de Portugal para a Colônia”.

Mas isso em nada desmerece o valor do livro do senhor Lipiner, que dá uma quantidade enorme de sugestões de trabalhos dentro da mais atualizada orientação histórica.

SÔNIA APARECIDA SIQUEIRA.

* *

*

ARBELLOT (Guy). — *La cartographie statistique automatique appliquée à l'histoire. Une expérience sur 332 villes et villages de Haute-Champagne aux XVIIe et XVIIIe siècles.* S. E. V. P. E. N. Publicação da École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches Historiques. VIe Section. Paris. 1970. 112 pp. Preço: 34 F.

Tendo por quadro o norte do Departamento de Haute-Marne, situado na antiga Generalidade de Châlons-sur-Marne, este inquérito utiliza toda a documentação estatística existente sôbre essa região nos séculos XVII e XVIII.

O processo automático, inteiramente novo, que foi adotado, permitiu uma representação cartográfica abundante da população e da agricultura locais. Da confrontação das diversas cartas observadas surge uma regionalização refletindo bem a variedade dessa parte marginal da Champagne no fim do Antigo Regime.

E. S. P.

* *

*

CHAUSSINAND-NOGARET (Guy). — *Les financiers de Languedoc au XVIIIe siècle*. Coleção "Affaires et gens d'affaires". Publicação da École des Hautes Études. VIe Section. S. E. V. P. E. N. Paris. 375 pp. 48,00F.

História econômica e social de um grupo regional de financistas do Ancien Regime. Do ministério de Colbert à queda de Choiseul constituiu-se e triunfou uma finança "clássica" que administrou o fisco e dirigiu a economia: com efeito, os grandes tesoureiros e os arrendatários gerais dos impostos (*fermiers généraux*) tornaram-se os empresários gerais do Reino de França.

Entretanto, depois de 1770, a idade de ouro dos financistas chegou ao seu fim. Essa limitação de sua competência resultou:

1º — das primeiras brechas de um capitalismo mais complexo do que aquele que eles tinham representado e de uma especialização cada vez mais exclusivista;

2º — de uma modificação do seu comportamento econômico e social.

Eles ambicionavam desempenhar, bem além da Intendência, um papel decisivo nos negócios do Estado. Sua vontade de poderio, alimentada pelo hermetismo maçônico, fracassou. A crise financeira e a Revolução não são as únicas responsáveis por isso: paralisados por ataques dos mais diversos, premidos entre sistemas de valores contraditórios, não souberam definir nem um pensamento, nem uma atitude coerente, daí o seu fracasso.

E. S. P.

* *

*

GRILLON (Pierre). — *Un chargé d'affaires au Maroc. La correspondance du consul Louis Chénier (1767-1782)*. Coleção "Affaires et gens d'affaires". Publicação da École des Hautes Études. VIe Section. S. E. V. P. E. N. Paris. 2 volumes. 1073 pp. 143,00 F.

Louis Chénier, o pai de André e de Maria-Joseph, foi cônsul geral e encarregado de negócios da França no Marrocos durante o reinado de Sidi Mohamed ben Abdllah. Sua correspondência oficial, agora publicada pela primeira vez, com uma introdução histórica, um índice e notas, compreende muitas centenas